ISSN: 2358-8829

A TRANSMISSÃO DA PSICANÁLISE NA UNIVERSIDADE: O PROGRAMA DE MONITORIA COMO DISPOSITIVO DE FORMAÇÃO DE PARES

Ester Vitória Farias de Lucena [1]
Glória Maria Nogueira Pinheiro dos Santos [2]
Jailma Belarmino Souto [3]
Maria Lígia de Aquino Gouveia [4]

INTRODUÇÃO/REFERENCIAL TEÓRICO

Freud (1919/2010, p. 377) postula a relevância da inclusão da Psicanálise no âmbito universitário, embora ressalte que o ensino estritamente teórico é insuficiente para capacitar o profissional ao exercício efetivo da prática clínica. Ao defender a inserção dessa disciplina na matriz curricular acadêmica, o autor afirma: "[...] uma universidade só teria a ganhar com a inclusão do ensino da psicanálise em seu currículo. É verdade que este ensino somente poderia ser ministrado de forma dogmática, em aulas teóricas, pois quase não haveria oportunidade para experimentos ou demonstrações práticas" (Freud 1919/2010, p. 377).

Depreende-se, portanto, que a formação universitária concorre para o desenvolvimento teórico do estudante interessado na teoria psicanalítica. Esse processo ocorre por meio de um repertório epistemológico preestabelecido, que abrange desde os conhecimentos introdutórios sobre as correlações entre o psíquico e o somático até o contato direto com os constructos da Psicanálise. Contudo, apropriações dessa natureza constituem apenas um dos pilares da formação do psicanalista, sendo por si só, insuficientes para fundamentar o tripé norteador do exercício profissional.

Lacan (1957/1998, p. 438), em seu ensaio intitulado "A Psicanálise e seu Ensino", inicia a discussão com a seguinte proposição: "A Psicanálise, o que ela nos ensina...". O autor postula categoricamente que o inconsciente não se situa em uma dimensão de profundidade, de modo que seria impossível torná-lo acessível mediante o mero

[1] Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, ester.lucena@aluno.uepb.edu.br;
[2] Graduanda do Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, gloria.santos@aluno.uepb.edu.br;
[3] Doutora pelo Curso de Letras da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, jailma.psy@servidor.uepb.edu.br;
[4] Doutora pelo Curso de Psicologia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, ligiagouveia@servidor.uepb.edu.br.

ISSN: 2358-8829

aprofundamento da consciência. Essa premissa decorre do fato de o inconsciente estruturar-se como uma linguagem, submetendo-se a leis próprias, dentre as quais se destacam os mecanismos da metonímia e da metáfora. Outrossim, Lacan salienta que, embora a verdade do inconsciente opere de forma subjacente, o sintoma não se reduz a um mero simbolismo. Sobretudo, adverte para a incorreção de se confundirem as contingências do objeto, mapeadas por Freud, com abordagens de cunho ambientalista. Diante desse cenário complexo, o autor tensiona a própria viabilidade de transmissão desse campo de saber ao interrogar: "[...] como ensiná-la?".

A leitura lacaniana de inconsciente, portanto, introduz uma questão fundamental para a reflexão acerca do ensino da Psicanálise. O inconsciente, por ser sobredeterminado pela ordem da linguagem, não pode ser apreendido como um objeto de conhecimento plenamente acessível e passível de transmissão por meio de um saber acabado. Essa instância também se articula no campo do Outro, cuja convocação como terceiro elemento faz-se fundamental, na medida em que é a partir dele que a mensagem se encaminha ao sujeito de forma invertida. Dessa maneira, propiciar que esse Outro seja pontuado no discurso do sujeito possibilita a abertura ao inconsciente (Lacan, 1957/1998, p. 455).

A partir dessa concepção, compreende-se que a transmissão da Psicanálise não se reduz à mera comunicação de um conjunto de conhecimentos teóricos, tampouco à formação meramente técnica de profissionais. É sob esse viés que Lacan problematiza determinados modelos pedagógicos que convertem a Psicanálise em uma habilitação profissionalizante, aproximando-a de uma "escola de dentistas", na qual a teoria e o método seriam reproduzidos como um saber previamente estabelecido (Lacan, 1957/1998, p. 459).

O ensino psicanalítico constitui-se pelo resgate do arcabouço teórico já elaborado, sem, contudo, tomá-lo como um saber estanque ou dogmático. Sustenta-se, ao contrário, a viabilidade de localizar fendas nessa estrutura teórica. Trata-se, portanto, de retomar a produção pregressa para identificar pontos de abertura que viabilizem a emergência do inédito. Evidencia-se que o psicanalista francês adota procedimento análogo em sua escrita, ao manter seus textos deliberadamente abertos, convocando o leitor à implicação subjetiva e à inserção de sua própria singularidade na leitura (Vieira; Couto, 2024).

ISSN: 2358-8829

Essa abertura, contudo, não implica a abdicação do saber pregresso construído**,** mas sim o estabelecimento de uma relação dialética que viabilize sua reapropriação de maneira singular. É justamente a partir dessa relação singular com o saber que se torna possível introduzir a dimensão do desejo de saber. Para a consecução de um estilo, faz-se necessária a passagem do amor transferencial ao desejo de saber. Conquanto a transferência opere como o motor do trabalho em análise, ela também ocupa um lugar fundamental na transmissão da Psicanálise entre os analistas. Conforme Freud (1912/2010), a transferência constitui o modo particular pelo qual cada sujeito conduz suas relações, o qual é elaborado mediante a articulação entre as repetições de fantasias, os desejos inconscientes e as experiências vivenciadas na infância.

Nesse processo, os laços reais estabelecidos no presente combinam-se às imagos parentais, de modo que formas anteriores de investimento libidinal são atualizadas nas relações contemporâneas. Destarte, as modalidades de amar, as pulsões que o sujeito busca satisfazer e os objetivos que orientam seus liames mostram-se atravessados por esse mecanismo. Tal dimensão pode ser observada, inclusive, nos registros das correspondências trocadas entre Freud e seus interlocutores; estas demonstram que, para além dos conteúdos teóricos, subsistiam trocas de admiração e reconhecimento mútuos, acompanhadas pela apresentação e discussão de hipóteses clínico-teóricas (Broide, 2022).

Contudo, Lacan (1964/1985), ao retornar ao texto freudiano, enfatiza o encontro entre o desejo do analisando e o desejo do analista, liame mobilizado por uma demanda de amor, introduzindo uma inflexão teórica crucial ao formular a função do sujeito suposto saber. Essa conceituação permite articular a transferência a três dimensões fundamentais da experiência analítica: repetição, resistência e sugestão.

Nesse sentido, por meio da releitura das formulações freudianas, Lacan evidencia que o mecanismo transferencial deve ser apreendido, em última instância, sob a égide do automatismo de repetição. Conquanto se verifique a atualização do passado, uma presença em ato, não se trata de mera reprodução passiva por parte do sujeito. Emerge, nesse processo, uma dimensão criadora que se manifesta propriamente nas relações constituídas pela fala (Lacan, 1960-1961/1992).

A partir das releituras lacanianas, depreende-se que a transferência não se restringe à atualização de vínculos e investimentos pregressos, mas implica uma modalidade específica de relação do sujeito com o saber e com o Outro a quem esse saber é suposto.

ISSN: 2358-8829

É sob esse prisma que o conceito de sujeito-suposto-saber adquire relevância no escopo da transmissão da Psicanálise. Isso ocorre porque o saber não é ofertado ao sujeito como um conteúdo programático a ser assimilado; ao contrário, ele se constitui mediante a dinâmica transferencial capaz de sustentar o desejo de saber.

Logo, a transmissão não se efetiva pela reprodução de um arcabouço teórico previamente estabelecido. Ela se viabiliza pela possibilidade de o sujeito implicar-se em sua própria relação com o saber, de modo a produzir, a partir do encontro com a Psicanálise, uma posição singular face à própria prática.

A transmissão da Psicanálise, portanto, não visa à consolidação de um saber dogmático**,** mas propõe uma abertura que convoca o sujeito a se posicionar de forma singular frente à herança teórica recebida. O ensino psicanalítico, quando pautado na subversão, viabiliza que o analista em formação estabeleça um laço com a teoria que não seja de mera repetição servil, mas de produção ativa. Desse modo, o resgate dos textos fundamentais de Freud e Lacan não deve ser um exercício de exegese estéril. Trata-se, ao contrário, de um trabalho de leitura atento às fendas e aos pontos de fratura do texto, locais de onde pode emergir o novo. É justamente nessa hiância que se situa a possibilidade de invenção e de sustentação da própria prática analítica.

Nesse sentido, com o intuito de discutir as possibilidades de transmissão da Psicanálise no âmbito acadêmico, e considerando a especificidade de um saber que transcende a mera transmissão de conteúdos sistematizados, este estudo teve como objetivo analisar as experiências de duas monitoras no componente curricular “Teorias e Intervenções Psicanalíticas I”. Pretendeu-se, outrossim, refletir sobre a monitoria acadêmica como um dispositivo de transmissão e de formação entre pares, ponderando os desafios e as potencialidades que emergem desse cenário.

Sob essa perspectiva, delineou-se um estudo de narrativa descritiva, na modalidade de relato de experiência, fundamentado nas vivências das monitoras apreendidas nos encontros transferenciais subjacentes ao exercício da monitoria. Adicionalmente, a relevância da investigação sustenta-se na escassez de produções científicas que abordem o desenvolvimento de monitorias articuladas ao fazer psicanalítico no contexto universitário. Desse modo, ao propor uma reflexão acerca dessa área, almeja-se contribuir para a literatura especializada e para o aprimoramento das práticas formativas nesse campo.

ISSN: 2358-8829

METODOLOGIA

O presente trabalho caracteriza-se como um estudo de natureza qualitativa, desenvolvido na modalidade de relato de experiência. Essa abordagem possibilita a reflexão sobre as experiências vivenciadas, contribuindo para a produção de conhecimento no meio acadêmico e para o aprimoramento das práticas e intervenções no âmbito social (Mussi; Flores; Almeida, 2021). Desse modo, o trabalho foi articulado a partir das vivências de duas alunas-monitoras do componente curricular Teorias e Intervenções Psicanalíticas I, ofertado no primeiro e segundo semestres do curso de graduação em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), no município de Campina Grande-PB. A experiência compreendeu os períodos letivos de 2025.1 e 2025.2, tendo como foco as possibilidades e os impasses encontrados no processo de transmissão da Psicanálise no contexto universitário, considerando as especificidades de um saber que não se reduz à apreensão de conteúdos teóricos.

A construção do relato partiu das experiências vivenciadas pelas monitoras no acompanhamento das atividades acadêmicas desenvolvidas junto às turmas, incluindo encontros de monitoria, discussões acerca dos conteúdos trabalhados, esclarecimento de dúvidas, acompanhamento das atividades propostas e demais situações decorrentes da interação com os estudantes. As experiências foram apreendidas a partir da escuta e da observação nos encontros dentro e fora de sala de aula,considerando os movimentos de aproximação, questionamento, estranhamento e até mesmo de resistência diante dos conteúdos psicanalíticos. Nesse percurso, buscou-se privilegiar as situações que evidenciassem os modos pelos quais a palavra circulava entre os participantes e os efeitos produzidos pela posição das monitoras enquanto pares em formação.

A análise da experiência foi realizada tendo como referencial teórico a Psicanálise Freud-lacaniana, especialmente as discussões acerca da transmissão, da transferência, do saber e da formação. Desse modo, não se pretendeu mensurar ou avaliar o desempenho dos estudantes, mas discursar sobre os sentidos produzidos a partir da experiência de monitoria e suas implicações para a transmissão da Psicanálise na universidade., buscando evidenciar como a monitoria pôde constituir-se como um espaço horizontal e construtivo, inclusive para as próprias monitoras.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

ISSN: 2358-8829

Depreende-se que a monitoria se inicia em momento anterior à divulgação do resultado oficial do processo seletivo**,** uma vez que o desejo de transmitir articula-se ao desejo de saber, constituído a partir da experiência pregressa de ocupar o espaço da sala de aula na condição de discente. Nessa posição de alteridade, vislumbrou-se, por meio do texto, das trocas intersubjetivas, dos significantes e da escuta, a viabilidade de uma transmissão que transcende a mera comunicação ou a exposição linear de conteúdos teóricos, operando, fundamentalmente, a partir da circulação da palavra.

A título de ilustração, Lacan transmitiu seus seminários essencialmente pela via oral, sustentando uma modalidade na qual preconizava que cada ouvinte encontraria, diante da palavra emitida, uma mensagem impossível de ser integralmente absorvida ou apreendida de maneira uniforme, mas que produziria efeitos singulares (Vieira; Couto, 2024).

Conquanto os encontros guardassem, prioritariamente, o objetivo de promover a horizontalização daquele espaço, subentendia-se que, ao convocar os discentes à circulação da palavra, o conteúdo endereçado na transmissão não se configuraria como algo plenamente familiar ou passível de apreensão integral, emergindo, por conseguinte, a manifestação da resistência.

Nesse espaço, os alunos eram incitados a abdicar das certezas, haja vista que comumente se fixavam a determinados conceitos na tentativa de alcançar um saber unívoco. Por vezes, um estado de mal-estar se instaurava ao descortinar o impossível do encontro com esse objeto tão visado no contexto acadêmico: o saber dogmático e totalizante.

Contudo, mesmo sob a imposição do discurso universitário, em que os discentes passam a se posicionar a partir do discurso da histérica,demonstrando insatisfação e não se sentindo representados por tal saber, a mensagem transmitida resguarda sempre seu caráter subjetivo, cabendo ao próprio sujeito a responsabilidade ética quanto aos efeitos dela decorrentes (Costa, 2014).

Em *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise* (1969-1970/1992), Lacan formaliza os quatro discursos fundamentais: do mestre, universitário, da histérica e do analista. Conquanto compartilhem de uma matriz estrutural homóloga, tais discursos diferenciam-se a partir do giro dos elementos (saber, sujeito barrado, outro e significante mestre) pelos quatro lugares da estrutura, gerando distintas modalidades de laço social. No discurso universitário, o saber (S_2) ocupa o lugar de agente e, investido

ISSN: 2358-8829

de autoridade, dirige-se ao outro, neste caso, o estudante, o qual é fixado na posição de objeto (*a*). Esse funcionamento produz efeitos de universalização e o consequente apagamento da divisão subjetiva, ao sustentar a ilusão deliberada de um saber finito e totalizável (Costa, 2014).

No arcabouço conceitual dos quatro discursos proposto por Lacan, o discurso universitário opera tendo o saber científico (S_2) no lugar do agente dominante, o qual se direciona ao estudante como objeto (*a*), produzindo como resto um sujeito dividido e insatisfeito ($). No contexto da monitoria, esse funcionamento se expressa na demanda discente por conceitos herméticos e verdades totalizantes. Todavia, a introdução da monitoria como dispositivo clínico-político tensiona essa lógica ao propiciar a emergência do discurso da histérica. Nele, o sujeito dividido ($) assume a posição de agente e endereça seu sintoma e sua insatisfação ao mestre encarnado pelo saber acadêmico (S_1), exigindo que este produza novos saberes (S_2). Longe de se reduzir a uma queixa estéril, o posicionamento histérico dos alunos frente ao saber recebido funciona como o verdadeiro motor da produção do conhecimento, pois denuncia a hiância do saber universitário e força o sujeito a se implicar na produção de uma resposta singular diante de sua própria divisão.

Nesse cenário, a monitoria configurou-se como um espaço de convocação do discurso do analista**,**no qual as monitoras, na posição de agentes, buscavam interpelar os discentes a produzirem um saber próprio, subvertendo aquele previamente estabelecido (Dias, 2017).

Em momentos específicos, foi possível apreender os efeitos dessa convocação no entusiasmo e no engajamento dos alunos, evidenciados pela busca ativa de materiais que extrapolavam a bibliografia obrigatória do componente curricular, pelo interesse na constituição de grupos de leitura e, por conseguinte, pela ampliação das trocas intersubjetivas entre pares. Tais movimentos pareceram favorecer uma aproximação com a Psicanálise sustentada na implicação subjetiva dos próprios discentes face ao saber.

Sob essa perspectiva, urge destacar o processo formativo das monitoras na condição de discentes que ingressaram no programa de monitoria desse componente curricular focado em Psicanálise. O intuito residia em contribuir para que os demais alunos cursassem a disciplina de modo a reconhecer os fatores que os mobilizavam em

ISSN: 2358-8829

direção à teoria ou, de outra forma, operavam como resistência a ela, considerando as peculiaridades quanto às facilidades e dificuldades no percurso.

A formação do analista constitui um eixo temático fundamental debatido no campo psicanalítico desde os escritos inaugurais de Freud. Seja por meio das recomendações sobre a técnica, seja pela ênfase atribuída à centralidade da análise pessoal, tais elementos evidenciam a constante preocupação do autor em delimitar a especificidade da formação analítica e resguardar a Psicanálise de potenciais assimilações por outras práticas terapêuticas (Macedo; Falcão, 2005). Nesse sentido, Alonso (2011) destaca que o ato psicanalítico se ancora em dimensões distintas, porém indissociáveis, que compõem o tripé da formação: o estudo teórico, a supervisão e a análise pessoal.

Diante desse prisma, no exercício da monitoria, os estudos, encontros e reuniões de supervisão com a docente responsável configuraram-se como fundamentais para o processo de ensino-aprendizagem. Essa articulação propiciou a sustentação de uma transmissão pautada na produção de um furo no saber enquanto semblante, em oposição à lógica dogmática que frequentemente reverbera no discurso universitário lacaniano.

Por conseguinte, as monitoras eram convocadas a ocupar a posição de sujeito-suposto-saber, contingência que demandava constante elaboração e análise pessoal. A sustentação desse lugar pode, por vezes, infligir a exigência de respostas absolutas, impulsionada tanto pelo anseio de sanar a totalidade das dúvidas discentes quanto pela tendência a tamponar a falta estrutural e motriz.

Diante dessa dinâmica, coloca-se em xeque a própria viabilidade da transmissão da Psicanálise no contexto universitário, haja vista que o discurso acadêmico tende a prescrever relações pedagógicas calcadas na premissa de um agente que supostamente detém o saber, ratificando-o como um corpus completo e desprovido de hiâncias. Contudo, a monitoria não visa solucionar essa contradição inerente; seu propósito reside em viabilizar o trabalho coletivo e articulado entre estudantes, docentes e monitores, sob a condição fundamental de fazer emergir o desejo de saber.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo desenvolvido indica que a experiência analisada não formula a postulação de uma resposta definitiva acerca da transmissão da Psicanálise no espaço universitário. Ao contrário, evidencia-se que tal transmissão se efetiva em meio a uma

tensão permanente entre as exigências formais do âmbito acadêmico e a especificidade de um saber que não se reduz à mera aquisição de conteúdos programáticos.

A possibilidade de produzir furos nessa lógica parece residir, justamente, na abertura de espaços nos quais o saber não seja tomado como garantia epistêmica, mas possa ser interrogado e elaborado a partir da singularidade de cada sujeito.

Nesse sentido, a monitoria acadêmica revelou-se significativa não apenas para a formação dos estudantes acompanhados, mas também para o percurso das próprias monitoras, ao convocá-las a ocupar e, simultaneamente, questionar a posição de quem ensina. Logo, a experiência permitiu reconhecer que a formação em Psicanálise não se esgota, exigindo uma constante implicação subjetiva diante do saber e daquilo que nele permanece inconcluso.

Palavras-chave: Psicanálise na universidade, Formação de pares, Monitoria em Psicologia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Pró-reitoria de Graduação (PROGRAD) da Universidade Estadual da Paraíba pela oportunidade em experienciar um vislumbre da docência, à minha orientadora Jailma Belarmino Souto pelo suporte durante o exercício da monitoria e produção deste trabalho, à minha co-orientadora Maria Lígia de Aquino Gouveia pelas contribuições durante o processo, à minha parceira Glória Maria Nogueira Pinheiro dos Santos, durante a cota de 2025 do Programa de Monitoria, por ter sido apoio, força e motivação em todos os planejamentos e atividades. E, por fim, ao CONEDU por ter sido a minha porta de entrada em uma significativa trajetória: ingresso na escrita e na vivência no campo da produção científica.

REFERÊNCIAS

ALONSO, Silvia Leonor. O tempo, a escuta, o feminino. **São Paulo: Casa do Psicólogo**, 2011.

BROIDE, Emília Estivalet. A transmissão da psicanálise e os grupos. **SIG Revista de Psicanálise**, v. 11, n. 1, p. 49-54, 2022. Disponível em: https://ojs.sig.org.br/index.php/sig/article/view/9/6. Acesso em: 01 set. 2026.

COSTA, André Oliveira. Os tempos da transmissão segundo a lógica de Lacan. **Estilos da clínica**, v. 19, n. 3, p. 499-514, 2014. DOI: http://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v19i3p499-514

DIAS, Brendali. De que maneira o discurso do analista possibilita fazer furo no discurso capitalista?. **Revista de Psicanálise Stylus**, n. 34, p. 59-73, 2017. DOI: https://doi.org/10.31683/stylus.v0i34.25

FREUD, Sigmund. A dinâmica da transferência [1912]. In: FREUD, Sigmund. **Obras completas, vol. 10: 1911-1913: observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("O caso Schreber"), artigos sobre técnica e outros textos.** Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, p. 100-110. 2010.

FREUD, Sigmund. Deve-se ensinar a psicanálise nas universidades? In: FREUD, Sigmund. **História de uma neurose infantil ("O homem dos lobos"), além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)**. Tradução e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, v. 14, p. 377-381. 2010.

LACAN, Jacques. A psicanálise e seu ensino [1957]. In: LACAN, Jacques. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 437-459. 1998.

LACAN, Jacques. O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise [1964]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

LACAN, Jacques. O Seminário, livro 8: a transferência [1960-1961]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.

LACAN, Jacques. O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise [1969-1970]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.

MACEDO, Mônica Medeiros Kother; FALCÃO, Carolina Neumann de Barros. A escuta na psicanálise e a psicanálise da escuta. **Psychê**, v. 9, n. 15, p. 65-76, 2005.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes; ALMEIDA, Claudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Revista práxis educacional**, v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021. Disponível em: https://educa.fcc.org.br/pdf/apraxis/v17n48/2178-2679-apraxis-17-48-60.pdf. Acesso em: 04 set. 2026.

VIEIRA, Marcia Maria Rosa; COUTO, Luís Fernando Duarte. Lacan e a transmissão da psicanálise1. **aSEPHallus**, p. 144-162, 2024. Disponível em: http://www.isepol.com/asephallus/pdf/09-VIEIRA-COUTO.pdf. Acesso em: 04 set. 2026.